
[Aotearoa/ Nova Zelândia: Derrubem as árvores GM da Scion!](#)

Desde 2003, a neozelandesa Scion vem desenvolvendo ensaios de campo com plantações de pinheiro radiata e abeto norueguês geneticamente modificados (GM) em suas instalações para pesquisa de Rotorua. As árvores GM contêm genes marcadores, genes resistentes a herbicidas e genes que conforme a Scion estão “pensados para afetar o desenvolvimento floral”. Há planos de os ensaios serem desenvolvidos durante 22 anos, mesmo que nenhuma das árvores irá permanecer no solo por mais de 10 anos.

Em janeiro de 2008, alguém entrou no campo de experimentação das árvores GM escavando por baixo da cerca. Foram danificadas 19 árvores mas aparentemente ninguém soube se alguma parte das árvores GM tinha sido removida. O ator (ou os atores) da protesta deixou uma pá com uma etiqueta dizendo “Nova Zelândia Livre de Engenharia Genética”.

A ONG neozelandesa Soil and Health Association, fundada em 1941, vem fazendo campanhas com o intuito de deter os ensaios com árvores GM e retirar as árvores. Pouco depois de as árvores terem sido danificadas, a Soil and Health Association publicou um comunicado de imprensa no qual afirmava que a Scion devia derrubar as árvores GM e apontava que a cerca que contornava o local de ensaios tinha sido escavada por coelhos, criando assim o risco de o material vegetal GM ter sido removido da área de ensaios.

A Scion reconhece que há coelhos dentro do campo de ensaios das árvores GM, mas argumenta que os coelhos não podem sair do local porque a cerca está enterrada a uma profundidade de 1,5 m. A Scion não explica como os coelhos poderiam ter atravessado a cerca e entrado ao local. Em novembro de 2007, Steffan Browning da Soil and Health Association visitou o campo de ensaios das árvores GM. Encontrou evidências da existência de coelhos dentro e fora do campo de ensaios. Ele tirou fotos de “um buraco na cerca, que evidentemente tinha sido feito há algum tempo.”

A fim de cumprir as exigências da Autoridade de Manejo de Riscos Ambientais (Environmental Risk Management Authority, ERMA), a Scion deve realizar uma fiscalização da cerca cada semana. O relatório que a Scion apresentou à ERMA em 2007 não menciona a existência de coelhos.

Em um comunicado de imprensa, Claire Bleakley da GE Free New Zealand disse, “todo ano, a GE Free (NZ) cria preocupações sobre as questões relacionadas com a conformidade-e nós sempre somos enganados. Devemos esperar que nenhum material GM tenha sido retirado das instalações. A responsabilidade por essa negligência e desatenção que causaram a brecha deveria recair, em parte, nos órgãos de fiscalização e monitoramento.”

Browning observa que “a ERMA nunca rejeitou nenhuma solicitação para ensaios de campo com engenharia genética.” Ele salienta que há conflito de interesses, já que “alguns encarregados de tomar decisões da ERMA [são] empregados de outras entidades de pesquisa que experimentam com engenharia genética (CRIs, Crown Research Institutions)”.

Os Verdes da Nova Zelândia não se surpreenderam por os ensaios com engenharia genética terem

atraído esse tipo de protesto. “É como um exibicionista em dia de jogo,” afirma uma mensagem no blog dos Verdes. Browning aponta que a Soil e Health Association não condena atos ilegais, mas, ele disse à Rádio Nova Zelândia, “Luto para discordar dos motivos de quem quer que seja que tenha feito o que for. Depende do que eles fizeram realmente e de quão responsáveis eles tenham sido com o material.”

Os cientistas estão indignados, informa a New Zealand Press Association. “A destruição deliberada das árvores geneticamente modificadas da Scion é eco-terrorismo e destrói o conhecimento e as oportunidades para todos os neozelandeses,” disse o Dr. William Rolleston, presidente da Life Sciences Network, um grupo de pressão em prol da engenharia genética. A Scion é membro da Rede Life Sciences.

Em um artigo de 2002 da revista neozelandesa Forest Industries, Christian Walter, um cientista sênior da Scion, explica a justificativa da organização para seu experimento com árvores GM: “Devemos obter um completo entendimento dos potenciais riscos associados com engenharia genética em florestamento e na forma em que podem ser mitigados, antes de qualquer comercialização ter possibilidade de acontecer. Isso envolve inevitavelmente testes de campo.”

Elspeth MacRae, disse que “o propósito manifesto desse ensaio é avaliar os impactos, se houver algum, das árvores transgênicas sobre o ambiente. Até agora, os resultados mostram que as populações microbiais do solo e a biodiversidade de insetos em um teste de campo de pinheiros GM não foram afetadas.” Mas o ensaio consta apenas de umas poucas dezenas de árvores. Com certeza o impacto ambiental de plantações industriais de árvores de pinheiros GM seria um experimento completamente diferente e ainda mais perigoso. Felicity Perry da People’s Moratorium Enforcement Agency aponta que, os ensaios de campo de árvores GM são como “começar um incêndio florestal para averiguar os danos que provoca o fogo”.

A Scion assinou um acordo com a empresa de pesquisas em árvores GM ArborGen, pertencente à International Paper, MeadWestvaco e Rubicon. A Scion está desenvolvendo pesquisas de laboratório destinadas a produzir árvores GM das quais é mais fácil extrair a celulose. “Como parte de nossas atividades comerciais, a Scion está prestando serviços de pesquisa e desenvolvimento para apoiar a ArborGen com seu programa de melhoramento de suas árvores,” disse MacRae. “Podemos confirmar que nosso serviço para a ArborGen apoia as pesquisas da empresa em árvores GM.”

As árvores da Scion não são bem recebidas na Nova Zelândia. “A destruição das árvores GM em Rotorua frisa a resistência à engenharia genética em Aotearoa/ Nova Zelândia. Devido a ERMA não deter a possibilidade de o material GM ser liberado no ambiente, a população de Aotearoa tem que intervir,” disse Felicity Perry da organização People’s Moratorium Enforcement. “A população de Aotearoa, de forma generalizada, quer que seu país esteja livre da engenharia genética.”

Por Chris Lang, <http://chrislang.org>